

Dossiê

***“Sair fora”* como uma construção resultativa gramaticalizada no português brasileiro: um estudo empírico ancorado na Linguística Cognitiva**

Heronides Moura¹ 

Alcione Alves Hülse¹ 

Bethânia Mariani
Editora-chefe dos
Estudos de Linguística

Augusto Soares da Silva
Jussara Abraçado
Editores convidados

Declaração de Financiamento

Este trabalho contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ) concedida ao primeiro autor, Heronides Moura, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, por meio de bolsa concedida à segunda autora, Alcione Alves Hülse

Disponibilidade de dados e material:

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

RESUMO

Este artigo investiga o funcionamento, a produtividade e a organização semântica da construção sair fora e de suas variantes sinônimas no português brasileiro, com base em dados autênticos extraídos da plataforma X (antigo Twitter). Ancorado na Linguística Cognitiva, em especial nas abordagens construcionais, o estudo oferece evidências de que o padrão esquemático [V + fora] constitui uma construção resultativa já gramaticalizada na língua, cuja produtividade parece decorrer da analogia motivada. A análise de 1.403 ocorrências distribuídas entre 15 types sugere que as formas variantes instanciam o mesmo esquema construcional com o sentido de evasão/abandono e que elas diferem quanto aos traços de modo de movimento que os respectivos verbos incorporam à ação. Nesse sentido, os resultados apontam para a existência de um núcleo prototípico – sair fora – a partir do qual se estruturam extensões semânticas radialmente organizadas. O estudo corrobora, ainda, a hipótese do caráter híbrido do português brasileiro no tocante à lexicalização dos eventos de movimento, ao revelar a presença de padrões resultativos análogos aos das línguas que possuem frame no satélite.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Gramaticalização. Construções resultativas. Construções verbo-partícula. Português brasileiro.

Recebido em: 10/02/2026

Aceito em: 27/03/2026

¹Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.

E-mail: heronides@uol.com.br;

E-mail: alcione_brito@yahoo.com.br

Como citar:

MOURA, Heronides; HÜLSE, Alcione Alves. *“Sair fora”* como uma construção resultativa gramaticalizada no português brasileiro: um estudo empírico ancorado na Linguística Cognitiva. *Gragoatá*, Niterói, v. 31, n. 70, e70718, maio-ago. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v31i70.70718.pt>

Introdução

Quem nunca pensou em *sair fora* de um local ou de uma situação desagradável ou inconveniente? No português brasileiro, essa expressão, assim como outras que lhe são sinônimas, é amplamente utilizada na fala informal para enfatizar o resultado final da ação descrita, o de ficar/estar fora de algum espaço físico ou situacional, conferindo-lhe o caráter idiomático de evasão/abandono.

Do ponto de vista linguístico, *sair fora* pode ser descrito como um verbo frasal, também conhecido como construção verbo-partícula, caracterizado, conforme Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), Hart (2017) e Workman (2000), pela combinação de um verbo e um ou mais elementos não verbais (preposição, advérbio ou ambos) para expressar um significado único. Trata-se, portanto, de uma unidade lexical complexa, formada pela associação entre verbo e partícula, cujo sentido pode ou não coincidir com o do verbo isolado.

Sob uma perspectiva cognitiva (Boas, 2003, 2013; Bybee, 2010; Bybee; Beckner, 2015; Bybee; Eddington, 2006; Traugott; Trousdale, 2013), *sair fora* pode ser também compreendida como uma construção resultativa já gramaticalizada no português brasileiro. Nessa abordagem, a expressão funciona como um esquema construcional do tipo [V + fora], que serve de molde para a criação de formas análogas, como *cair fora*, *ralar fora*, *vazar fora*, *raspar fora*, entre outras.

A nossa proposta é que o esquema construcional [V + fora], com o significado de evasão/abandono, apresenta propriedades semânticas e pragmáticas específicas, constituindo, assim, um *construal* bastante representativo no português brasileiro.

Objetivando compreender o funcionamento, a produtividade e a organização semântica dessa construção, o presente artigo investiga empiricamente as ocorrências de *sair fora* e de suas variantes sinônimas, no campo semântico específico de evasão/abandono. O estudo baseia-se em dados autênticos extraídos da plataforma X (antigo *Twitter*) e parte da hipótese de que *sair fora* constitui o núcleo conceitual prototípico de uma rede radial semanticamente motivada, que permite a diferentes verbos instanciarem o mesmo esquema construcional.

Neste artigo, o foco será o domínio de evasão/abandono da construção [V + fora], de modo que não serão considerados outros sentidos identificados no *corpus*, como na frase *tô tendo muitos problemas com a minha sobrançella vou raspar fora* (Quadro 1), em que *raspar fora* tem o significado de remoção, corte, e não o de evasão/abandono. Assumimos que a construção [V + fora] envolve um esquema mais abstrato, que abrange diferentes campos semânticos, mas o escopo deste estudo se restringe ao de evasão/abandono.

Tal enfoque busca não apenas evidenciar a vitalidade e a convencionalização da construção em questão, mas também contribuir para a discussão acerca dos padrões de lexicalização dos eventos de

movimento que o português brasileiro assume, haja vista a relação intrínseca entre construções resultativas e verbo-partícula, apontada por Snyder (2001) e Sugisaki e Snyder (2002). Desse modo, pretendemos ressaltar que os estudos sobre a cognição só têm a ganhar quando se leva em conta a interação entre fatores propriamente cognitivos e elementos construcionais, lexicais e gramaticais.

Outro objetivo deste artigo é mostrar que a abordagem cognitiva pode ajudar na compreensão e valorização de estruturas gramaticais, tradicionalmente discriminadas e desvalorizadas na tradição gramatical, como é o caso de expressões como *sair fora*. Usos desse tipo são enquadrados como pleonasmos viciosos na gramática normativa. Cegalla (1985) faz a distinção entre pleonasmos estilísticos e pleonasmos viciosos. Os pleonasmos estilísticos seriam típicos da linguagem culta e literária, e os pleonasmos viciosos seriam típicos da linguagem popular. Rocha Lima (1984, p. 471) vai na mesma linha: "Há o pleonismo grosseiro, decorrente da ignorância da significação das palavras (*hemorragia de sangue, subir para cima*), e o literário, que serve à ênfase, ao vigor da expressão".

O estudo cognitivo de expressões como *sair fora*, *vazar fora*, etc. serve para desvelar o caráter discriminatório dessa oposição entre pleonismo estilístico e pleonismo vicioso. Note-se que Rocha Lima (1984), no trecho citado, pressupõe uma ignorância semântica na fala popular, como se fosse possível que o povo não soubesse o significado de verbos básicos como *subir*, usado na expressão *subir para cima*, e *sair*, usado na expressão *sair fora*. Ou seja, esses autores assumem algum grau de deficiência na fala popular. No entanto, trata-se da formulação de um novo *construal*, em que a ação verbal é cindida em dois segmentos: a ação em si e o resultado dela. A utilização de verbos frasais permite, assim, a expressão cognitiva e conceitual de novos usos, relevantes tanto do ponto de vista semântico quanto pragmático.

Diferentemente do que afirma Rocha Lima (1984), não é a ignorância popular que leva à produção do pleonismo, mas justamente o contrário. Os falantes reanalisam os verbos em questão como ações que provocam resultados bem delimitados e, no caso estudado neste artigo, passam a usar um conjunto de verbos que se enquadram no esquema construcional [V + fora], com o objetivo de representar o campo semântico evasão/abandono.

Explorando o padrão de criação das formas análogas na gramaticalização de construções

À luz das teorias sobre gramaticalização (Bybee, 2010; Bybee; Beckner, 2015; Bybee; Hopper, 2001; Givón, 2001; Ford; Fox; Thompson, 2003; Hopper; Traugott, 2003; Meillet, 2020 [1912]), a gramática é sempre fluida, emergente e moldada pelo uso que os falantes fazem da língua. Em vez de fixa, absoluta e abstrata, ela é variável e probabilística em sua essência (Bybee; Hopper, 2001), uma vez que as formas gramaticais

são modeladas e remodeladas, ao longo do tempo, na prática cotidiana da comunicação, em relação direta com a frequência de uso. Nessa perspectiva, a gramaticalização – processo de criação da gramática – ocorre quando itens lexicais ou construções adquirem, em certos contextos linguísticos, novas funções gramaticais (Hopper; Traugott, 2003).

Dessa definição, destacam-se dois pontos centrais. O primeiro deles refere-se ao caso mais paradigmático de gramaticalização, qual seja, à capacidade de substantivos e verbos sofrerem mudanças diacrônicas e se tornarem morfemas gramaticais. Um exemplo clássico, conforme Hopper e Traugott (2003), é a gramaticalização do verbo latino *habere* (“ter”) como marcador de futuro. Esse verbo lexical, originalmente pleno, transformou-se, após um longo processo, no sufixo de tempo futuro do português (-ei, -ás, -á, etc.).

O segundo ponto, de maior interesse para este artigo, é o fato de que construções inteiras também podem se gramaticalizar. Essa visão ampliada considera que a gramática não se restringe a morfemas isolados, mas inclui construções de diversos níveis de complexidade (Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013). De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a gramaticalização deve ser compreendida, fundamentalmente, como um processo de constructionalização gramatical (*grammatical constructionalization*), pelo qual se formam novas construções gramaticais, consideradas a base constitutiva da gramática.

Mas, antes de tudo, é preciso definir construção gramatical. Na esteira da Gramática de Construções (Fillmore; Kay; O’Connor, 1988; Goldberg, 1995, 2006), o termo refere-se a qualquer pareamento convencionalizado de forma e significado, armazenado na competência linguística do falante, o que remete à noção de signo em Saussure (2006 [1916]). Quando convencionalizada, a construção torna-se uma unidade da gramática, independentemente de seu tamanho ou complexidade. Uma consequência radical dessa perspectiva é a dissolução da fronteira rígida entre léxico e gramática. Partindo desse pressuposto, Bybee (2010) esclarece que essa categoria é muito abrangente, abarcando desde padrões muito genéricos até outros mais específicos. Assim, são exemplos de construções: palavras complexas, expressões idiomáticas, construção passiva e, também, bitransitiva.

Ainda de acordo com Bybee (2010), o ponto crucial acerca da construção reside no fato de ela ter uma sequência estrutural e de incluir posições fixas e, também, abertas. Desse modo, para a autora “[...] a maioria ou todas as construções são parcialmente esquemáticas, isto é, possuem posições que podem ser preenchidas por uma variedade de palavras ou expressões” (Bybee, 2010, p. 25).¹ As posições às quais a autora se refere são chamadas de *slots*.

Para uma melhor compreensão da esquematicidade proposta em Bybee (2010), consideremos as sentenças (1) e (2), que exemplificam uma construção de mudança de estado encontrada na língua espanhola, cujo esquema pode ser representado por [*quedarse* + Adj]:

¹No original: “[...] most or all constructions are partially schematic – that is, they have positions that can be filled by a variety of words or phrases” (tradução nossa).

(1) *Tener carácter es deseable, incluso, aun sabiendo que una de sus consecuencias es "arruinarlo todo" y quedarse solo.*²

(1.1) Ter caráter é desejável, inclusive, mesmo sabendo que uma de suas consequências é "estragar tudo" e ficar sozinho.

(2) *Una mujer inteligente y con amor propio solo tiene dos opciones: estar con alguien que reconoce su valor y daría todo por ella o quedarse soltera.*³

(2.1) Uma mulher inteligente e com amor-próprio só tem duas opções: estar com alguém que reconhece o seu valor e daria tudo por ela, ou ficar solteira.

²Disponível em:
https://x.com/Sinfonia_Pedal/status/1970816725257273445.

³Disponível em:
<https://x.com/nxxe/status/1879602815934570502>.

Como se observa, (1) e (2) demonstram que a construção em questão possui um *slot* fechado, ocupado pelo verbo *quedarse*, e outro aberto, a ser preenchido por diferentes adjetivos, sendo o preenchimento do *slot* aberto o que confere ao esquema a possibilidade de produção criativa de novos enunciados similares. Isso indica que, quanto menos fixo o padrão, maior o grau de esquematicidade de uma construção, revelando, conseqüentemente, a relação intrínseca entre esquematicidade e produtividade (Bybee, 2010; Bybee; Beckner, 2015).

Nessa perspectiva, o esquema construcional funciona como uma espécie de molde manipulável – mas, ao mesmo tempo, estrangido semanticamente – que permite aos falantes criar e consolidar, pelo uso, formas análogas. À luz da Gramática do Uso (Bybee, 2010; Bybee; Beckner, 2015; Bybee; Eddington, 2006), a frequência com que as construções são usadas desempenha um papel fundamental nesse processo, uma vez que, para a referida corrente teórica, é a repetição de determinadas combinações que fortalece cognitivamente as associações entre forma e significado, favorecendo sua consolidação e expansão.

Tendo como base a noção de categorização, parte-se do pressuposto de que a produtividade das construções esquemáticas, ou seja, sua extensão semântica, é orientada, via analogia, pelos seus membros centrais, aqueles mais prototípicos. Nesse sentido, Bybee (2010) argumenta que os membros mais centrais tendem a ser também os mais frequentes.

Partindo do princípio de que a linguagem envolve o acesso a representações armazenadas, Bybee (2010) considera que os exemplares de maior frequência – por serem cognitivamente mais acessíveis e robustos – tornam-se a base preferencial para a categorização de novos itens. Esses exemplares atuam, portanto, como âncoras de similaridade, em um processo que ocorre de forma gradual. Nas palavras da própria autora, "dada a especificidade das construções e a maneira como elas são formadas por meio da experiência com a linguagem, a probabilidade e a aceitabilidade de um item novo são graduais e baseiam-se no grau de semelhança com usos anteriores da construção" (Bybee, 2010, p. 57).⁴

Ainda no século passado, Lakoff (1987) já propusera que as categorias semânticas se estruturam em torno de um núcleo mais neutro e esquemático, o qual funciona como ponto de ancoragem para a formação de redes radiais de significação. Dessa forma, a produtividade construcional não decorre de combinações arbitrárias, mas de extensões

⁴No original: "Given the specificity of constructions and the way they are built up through experience with language, the probability and acceptability of a novel item is gradient and based on the extent of similarity to prior uses of the construction" (tradução nossa).

sistematicamente motivadas por processos metonímicos e metafóricos que partem de um modelo conceitual primário.

Segundo o autor, por meio das extensões metonímicas, que operam dentro de um mesmo domínio cognitivo, projeta-se um subevento, uma propriedade ou uma parte saliente do membro mais prototípico para representar o todo ou um aspecto menos prototípico. Já no caso das extensões metafóricas, que envolvem a projeção de estruturas entre domínios distintos, um padrão conceitual mais concreto ou experiencial serve de plataforma para a compreensão de um domínio mais abstrato. O autor esclarece que tais mecanismos podem ocorrer isolados ou em conjunto e são a base para a emergência e estabilização de variantes plausíveis derivadas de um núcleo conceitual, contribuindo para a organização radial e gradiente das categorias semânticas.

Nesse quadro teórico, o verbo frasal *sair fora*, objeto de investigação deste artigo, pode ser compreendido como o núcleo de uma rede semântica formada por várias expressões sinônimas. A ideia é que essa unidade lexical complexa, formada pela união de um verbo com uma partícula, corresponde a uma construção que contém um *slot* fechado (a partícula *fora*) e outro aberto (o verbo). Explicando melhor, a abertura do *slot* verbal no esquema [V + fora], ao permitir a instanciación de diferentes verbos nesse padrão (tais como cair, ralar, vazar, etc.), revela um grau de esquematicidade que dá origem a formas análogas.

Tendo isso em vista, e tomando como base o postulado de que a formação de novas expressões em um esquema construcional se dá a partir do membro mais prototípico, a hipótese levantada no presente estudo é que o verbo *sair* assume esse papel, servindo, conseqüentemente, de modelo conceitual para a criação das formas variantes. Acreditamos estar diante, assim, da formação de uma construção no inventário gramatical do português brasileiro, cujo valor semântico não se reduz à soma das partes (*sair* + *fora*), e sim emerge do padrão construcional, com uma função bem específica na língua, como será visto a seguir.

Construções resultativas típicas no português brasileiro: reconhecendo o padrão híbrido de lexicalização dos eventos de movimento na língua

Uma vez discutida a gramaticalização de construções, especialmente no que diz respeito ao papel da esquematicidade e da categorização na emergência e na produtividade construcional, voltamos agora o foco para um subtipo específico: as construções resultativas. Essa transição é fundamental para se compreender a construção *sair fora* em sua dimensão semântica e tipológica, já que ela exemplifica um esquema produtivo do tipo [V + fora] e, ao mesmo tempo, expressa um resultado codificado pela própria construção.

De acordo com Boas (2003), uma construção resultativa é aquela que atribui ao verbo um significado de mudança de estado ou localização. Na concepção do autor, é a construção que introduz a relação de causa + resultado, e não o verbo em si. Dessa forma, uma construção

resultativa pode ser composta por verbos que não são intrinsecamente de mudança de estado, o que acontece na construção *drive-crazy* do inglês, exemplificada em (3).

(3) *does it ever drive you crazy?*⁵

(3.1) Isso por acaso te deixa louco(a)?

⁵Disponível em:
<https://x.com/rosiierix/status/1995563560215478301>.

Conforme se observa em (3), lexicalmente, o verbo *drive* significa "dirigir" e não conduz, por si só, à mudança de estado psicológico implicada na sentença (o de ficar irritado, de sair do sério). A ideia é que o verbo *drive* contribui com a noção de "causa", enquanto o adjetivo *crazy* codifica um estado resultante.

Outro exemplo de construção resultativa no inglês é dado em (4), em que a mudança de estado é expressa por um verbo frasal aspectual. Nesse caso, a partícula *down* descreve o estado final dos computadores (desligados/inoperantes) como consequência direta da ação verbal (*shut*).

(4) *And here you can shut down computers worldwide.*⁶

(4.1) E a partir daqui você pode desligar computadores em todo o mundo.

⁶Disponível em:
<https://x.com/runews/status/1814235240698614126>.

A relação entre verbo frasal e construção resultativa, no entanto, é ainda mais profunda do que sugere (4). Para Marcelino (2014) e Moreira (2023), estudos indicam que essas duas construções compartilham o mesmo padrão estrutural e semântico, levando ao entendimento de que, se uma não está presente na língua, a outra também não. Isso faz com que o padrão de lexicalização dos eventos de movimento tenha se tornado alvo de investigação no campo dos estudos que se dedicam à análise da ocorrência de construções resultativas típicas em diferentes línguas, o que remete à classificação tipológica de Talmy (2000, 2016).

Segundo a referida classificação, as línguas dividem-se em dois grupos: (1) as que marcam os eventos de movimento de forma sintética (apenas com o verbo) e (2) as que o fazem de forma analítica (por meio de construções verbo-partícula). O primeiro grupo inclui as línguas românicas, como o português, e o segundo, as línguas germânicas, como o inglês. Essa distinção é frequentemente representada pela dicotomia *verb-framed languages* (línguas-V) *versus* *satellite-framed languages* (línguas-S). Nas línguas-V, o verbo codifica, simultaneamente, movimento e trajetória; nas línguas-S, o verbo expressa movimento e modo/causa, cabendo à partícula (o satélite) expressar a trajetória.

O contraste entre línguas-V e línguas-S fica evidente ao se comparar o modo como os falantes de português e de inglês expressam o movimento de *sair*. Em português, usa-se o verbo *sair*, que amalgama movimento e trajetória em sua raiz. Em inglês, usa-se a construção verbo-partícula *go out*, na qual *go* aporta a noção de movimento e *out* indica a trajetória. Portanto, enquanto o português marca o evento de movimento em questão de forma sintética, o inglês o faz de forma analítica.

Com base nessa distinção tipológica, Snyder (2001) e Sugisaki e Snyder (2002) consideram que a correlação entre as construções resultativas e verbo-partícula em línguas-S não é acidental, mas uma consequência do padrão de lexicalização que elas assumem. Para os autores, a estratégia de expressar o resultado de uma ação por meio de um elemento separado do verbo – o satélite – não se limita a eventos de movimento, mas se estende também a eventos de mudança de estado. Isso explica por que o inglês é altamente produtivo tanto para construções verbo-partícula quanto para construções resultativas.

Em contrapartida, em uma língua-V, como o português, pela suposta inexistência de *frame* no satélite, as construções resultativas tenderiam a ser raras e improdutivas ou mesmo impossíveis. Consequentemente, a expressão de resultado ocorreria apenas por incorporação dessa noção semântica ao próprio verbo ou por meio de estratégias perifrásticas. Acontece, porém – como ressaltado por Moreira (2023) – que o português brasileiro tem um padrão híbrido de lexicalização dos eventos de movimento, apresentando, em razão disso, resultativas semelhantes às do inglês. De acordo com a autora, a discussão acerca da ocorrência das resultativas no português brasileiro deve considerar que essa língua também possui *frame* no satélite, noção corroborada por estudos que apontam a existência de construções verbo-partícula nessa variedade do português, como Moura (2025), Queriquelli e Moura (2021), Santos Filho (2017) e Viaro (2002). Esse hibridismo na lexicalização dos eventos de movimento – coexistência dos padrões sintético e analítico – explicaria tanto a existência de construções resultativas típicas quanto sua relativa produtividade no português brasileiro, contrariando a previsão tipológica rígida, proposta por Talmy (2000, 2016).

Diante disso, neste estudo, consideramos que *sair fora* configura uma construção resultativa típica, na qual o estado resultante é expresso pela construção como um todo, e não pelo verbo em si. A exemplo do que ocorre com *drive-crazy*, entendemos que, enquanto o verbo *sair* contribui com a noção de deslocamento, a partícula *fora* é o elemento que perspectiva a ação como resultativa, focando o resultado em detrimento do processo.

Essa análise se beneficia da noção de *construal* em Langacker (1987), pois, ao escolher o verbo frasal *sair fora*, em vez do verbo simples *sair*, o falante reorganiza a cena conceitual, enfatizando o resultado e relegando o processo ao segundo plano, numa operação de figura-fundo, nos termos de Talmy (2000). Dito de outro modo, diferentemente do verbo simples *sair*, que perfila o processo de deslocamento, a articulação do verbo com a partícula *fora* desloca o foco para o resultado da ação – ficar/estar fora. Logo, a construção em análise não é apenas um recurso lexical, mas uma estratégia cognitiva de perspectivação.

Considerando-se, ainda, que a linguagem é uma ação conjunta (Croft, 2009), o esquema construcional refletido em *sair fora* se estabiliza como convenção linguística na língua por meio do uso intersubjetivo.

Isso significa que cada ocorrência de *sair fora* (e de suas variantes) reforça a associação compartilhada entre forma e significado, garantindo que tanto o falante quanto o ouvinte reconheçam no padrão [V + fora] uma maneira específica de conceber a cena descrita. Tal perspectiva reforça a noção de que a gramática, como algo fluido e emergente, é dependente da relação falante/ouvinte, como participantes do ato da comunicação, os quais negociam interativamente o sentido, respondendo ao contexto e também criando-o.

A partir do exposto, salientamos que este artigo não só compreende a construção *sair fora* à luz de um processo mais amplo de gramaticalização de construções (no qual esquematicidade, produtividade e analogia desempenham papel central), mas também insere sua análise no debate acerca das construções resultativas, dada a função que exerce na língua: a de perspectivar a ação a partir de seu resultado. Feitas essas considerações teóricas iniciais, apresentamos, na sequência, a metodologia adotada para investigar empiricamente a ocorrência, o funcionamento e a produtividade da construção em tela, com base em dados de uso real da língua, extraídos da plataforma X.

Metodologia

A pesquisa foi conduzida em três etapas principais: (1) levantamento das variantes sinônimas à construção *sair fora*, (2) extração de dados empíricos na plataforma X e (3) filtragem e análise dos dados coletados.

Primeira etapa – Levantamento inicial das construções

O primeiro passo consistiu na identificação das formas sinônimas de *sair fora*,⁷ realizada inicialmente com base no conhecimento linguístico dos pesquisadores, falantes nativos do português brasileiro. Nesse levantamento preliminar, foram reconhecidas as seguintes variantes: *cair fora*, *cascar fora*, *chispar fora*, *correr fora*, *espirrar fora*, *picar fora*, *pular fora*, *quicar fora*, *ralar fora*, *raspar fora*, *riscar fora*, *saltar fora* e *vazar fora*.

Uma outra variante – *rasgar fora* – não fazia parte do repertório linguístico dos pesquisadores, mas foi hipotetizada por similaridade a *picar fora* e *raspar fora*. A existência dessa variante foi então verificada empiricamente por meio de busca na rede social X. Uma vez confirmado o seu emprego com o sentido de *sair fora*, totalizou-se um conjunto de 15 *types* a serem estudados em termos de conteúdo semântico e de frequência de uso (*token*) na referida plataforma.⁸

Cabe destacar que, como a delimitação das formas investigadas foi baseada essencialmente no conhecimento dos pesquisadores, o seu alcance pode ser limitado. Isso significa que é provável a existência de outros exemplos de expressões sinônimas a *sair fora*, além dos que foram contemplados no estudo.

⁷Neste estudo, não se assume uma sinonímia perfeita entre as expressões analisadas, mas sim uma relação de similaridade com um protótipo (*sair fora*).

⁸Seguindo a distinção apresentada em Bybee e Beckner (2015) para frequências *token* e *type*, neste artigo, considera-se que a primeira corresponde ao número de vezes que o item aparece no *corpus*, ao passo que a segunda se refere ao número de itens que podem ser usados num dado padrão esquemático.

Segunda etapa – Coleta dos dados

A extração dos dados foi realizada com a ferramenta *TwSearchExporter Pro (ToolMagic)*,⁹ por meio de um processo que se iniciava com a busca da forma investigada no infinitivo e entre aspas – para garantir o retorno de ocorrências exatas. A partir do *link* da busca, o *TwSearchExporter Pro* executava a extração dos *posts* disponíveis na data da coleta (02/11/2025) e, ao final, retornava um arquivo no formato CSV para *download*.

Feito esse procedimento para todos os *types* levantados na etapa anterior, a ferramenta gerou 15 arquivos, contendo os *posts* buscados e também vários metadados, tais como: nome e usuário do autor, data e hora de publicação e URL do tuíte. O total bruto de extrações somou 2.595 *posts*.

Terceira etapa – Filtragem e validação dos dados

Os *posts* coletados foram analisados individualmente com o objetivo de garantir que apenas as ocorrências que configuravam efetivamente a construção investigada – [V + fora] com valor idiomático de evasão/abandono – fossem mantidas na contagem de frequência *token*. Como esse procedimento demandou leitura contextual cuidadosa, gerando, por vezes, dúvidas interpretativas, foi adotado o seguinte protocolo: um dos pesquisadores realizava a triagem inicial e o outro efetuava a revisão, sendo preservados somente os casos que, segundo o julgamento de ambos, atendiam plenamente ao critério estabelecido. Assim, na ausência de consenso, o *post* era excluído da amostra.

Após essa etapa, foram eliminados do *corpus* os *posts* que:

- estavam redigidos em outras línguas ou em variante do português distinta daquela considerada na pesquisa;¹⁰
- não apresentavam a construção alvo (seja pela ausência das palavras pesquisadas, seja pelo fato de elas não constituírem uma unidade semântica ou não expressarem o sentido de evasão/abandono);
- não permitiam a determinação inequívoca do significado a partir do texto disponível, por apresentarem contexto insuficiente.

Para uma melhor compreensão acerca da aplicação desses critérios de seleção, disponibilizamos, no Quadro 1, para cada *type*, um exemplo de *post* mantido e outro excluído.

Quadro 1. Exemplos de *posts* mantidos e excluídos.

Type	Exemplos de posts mantidos	Exemplos de posts excluídos
Cair fora	Hoje eu acordei gostando mais de mim, vou cair fora numa boaaa ¹¹	@gabrielbatcave @evandroscot Achei que era porque se a bola cair fora do estádio ele vai cair no meio da rua. ¹²

⁹ Foi utilizada a versão paga da ferramenta, pois já na primeira tentativa de busca, feita com *sair fora*, o *software* indicou que o número de *posts* encontrados excedia o limite da versão gratuita (200).

¹⁰ A busca retornou *posts* em outras línguas que não continham a forma investigada. Porém, no caso específico de *picar fora* e *saltar fora*, foram encontradas ocorrências, respectivamente, em catalão e em português europeu, sendo a última construção (*saltar fora*) muito recorrente.

¹¹ Disponível em: <https://x.com/gabrielagaalvan/status/1978418681425035440>.

¹² Disponível em: <https://x.com/Simes16Junior/status/1983261828865040699>.

Quadro 1. Cont.

Type	Exemplos de posts mantidos	Exemplos de posts excluídos
Cascar fora	A regra é clara: Chorou? Continua na Beyhive. Não chorou? Pode cascar fora ! ¹³	Ela admitindo que tem um escravo e achando lindo. ¹⁴
Chispar fora	Assim que a lista de embarque sair na página de escalados eu vou desligar tudo e chispar fora ! ¹⁵	Vamos conhecer as variações linguísticas do Brasil? Mude esta frase para uma gíria de sua cidade: "ESTOU INDO EMBORA" Eu: Vou meter o pé. ¹⁶
Correr fora	vou correr fora disso. ¹⁷	Pensando seriamente em começar a correr fora das aulas de crossfit. Em quanto tempo será que consigo correr 10km em parar, sendo que hoje mal corro 2km? ¹⁸
Espirrar fora	@PrimeiroFront PASSOU DA HORA ESTE CARA TEM QUE ESPIRRAR FORA E DAR LUGAR A OUTRO. ¹⁹	sem poder nem espirrar fora de casa esse mês. ²⁰
Picar fora	Eu não vejo a hora de fazer o dinheiro que eu preciso e picar fora dessa cidade se eu não for trabalhar em SP fecho com Rafa e meto o pé já deu. ²¹	Eu com o meu antigo tênis da academia q mainha queria picar fora mas é o único reto e confortável p fazer alguns exercícios. ²²
Pular fora	Tô começando a me apegar. Isso significa que tá na hora de pular fora . ²³	acho q a qualquer hora meu olho vai pular fora do rosto de tão inchado. ²⁴
Quicar fora	ops.....A Lia vai quicar fora do bbb. ²⁵	Ridículo essa arbitragem kkk a bola chegou a quicar fora do campo. ²⁶
Ralar fora	Muita gente desse time do Flamengo tem que ralar fora . ²⁷	Eu queria ter dinheiro p pagar todas as dispensas da Jhuly e não ter 1% da responsabilidade de mãe q eu tenho, ter filhos atípico e viver em consultas, ralar fora , ralar em casa e a mente nunca descansar, ser Mayara é fácil dms pô... ²⁸
Rasgar fora	DITO ISTO: deixo aqui a minha contribuição pra você que não gosta da Brasil Paralelo fazer um bem por você e rasgar fora desse banco que só prejudica o consumidor final. ²⁹	estou no limite de rasgar fora essas faixas e bandagens do meu pé nao aguento mais to quase me auto esganando tal o gif https://t.co/cnxnmzqlwm. ³⁰
Raspar fora	20minutos pra mim raspar fora daqui. ³¹	tô tendo muitos problemas com a minha sobancelha vou raspar fora . ³²
Riscar fora	vou tomar um banho e riscar fora ! ³³	Saudade de quando minha única preocupação era não riscar fora dos tracinhos. ³⁴
Sair fora	@vaidesmaiar Tem que sair fora logo. ³⁵	É fica Saory e fica Tamires né gente, não tem sentido uma delas sair ! Fora Nizam #afazenda. ³⁶

¹³ Disponível em: <https://x.com/renatotaioaba/status/1887658613897850977>.

¹⁴ Disponível em: <https://x.com/vegetacil/status/1795205617130369373>.

¹⁵ Disponível em: <https://x.com/rzambe/status/60803782765854720>.

¹⁶ Disponível em: <https://x.com/laurenudex/status/1359186951916695553>.

¹⁷ Disponível em: https://x.com/joaoportela_2/status/1848530996766929162.

¹⁸ Disponível em: https://x.com/duarte_dessa/status/1665393614493478912.

¹⁹ Disponível em: <https://x.com/samuryoh54432/status/1896869562852983194>.

²⁰ Disponível em: <https://x.com/thxrisingmoon/status/1413077627716489218>.

²¹ Disponível em: https://x.com/_estelabomfim/status/1345184153969553410.

²² Disponível em: <https://x.com/raireluzente/status/1656672247690719236>.

²³ Disponível em: <https://x.com/Maahlumi/status/1983041009618411785>.

²⁴ Disponível em: <https://x.com/alineedantas/status/1981363355638980709>.

²⁵ Disponível em: <https://x.com/analulopess/status/11108278588>.

²⁶ Disponível em: <https://x.com/mateusbauer2/status/1359644647128244227>.

Quadro 1. Cont.

Type	Exemplos de posts mantidos	Exemplos de posts excluídos
Saltar fora	Parabéns! Agora é saltar fora do desgoverno e advertir o STF... ³⁷	Moby Dick!!! Baleia afunda barco ao saltar fora da água e assusta marinheiros. ³⁸
Vazar fora	tem hora que dá vontade de jogar tudo pro alto e vazar fora . ³⁹	top piores sensações : coletor vazar fora de casa. ⁴⁰

Fonte: Elaboração própria.

O processo metodológico descrito – do levantamento intuitivo à validação contextual rigorosa – resultou em um *corpus* composto por 1.403 ocorrências da construção investigada, distribuídas entre 15 *types*. É sobre esse conjunto de dados que recai nossa análise, na seção seguinte, em que examinamos como essa frequência *token* e a semântica dos verbos que preenchem o *slot* aberto se articulam para revelar a estrutura interna dessa categoria construcional e seu estatuto gramaticalizado.

Resultados e discussão

A Tabela 1 apresenta, de forma discriminada, a frequência *token* levantada no *corpus*. A partir dela, podemos observar que todos os *types* investigados possuem ocorrências de uso, havendo, porém, grande variação entre eles. Entre os de maior frequência, temos: *cair fora*, *pular fora*, *cascar fora*, *sair fora*, *ralar fora* e *vazar fora*. Já entre os de menor frequência, encontramos: *rasgar fora*, *chispar fora*, *raspar fora*, *quicar fora*, *espirrar fora* e *riscar fora*. Em uma posição intermediária, estão: *saltar fora*, *picar fora* e *correr fora*.

Tabela 1. Frequência *token* por *type*.

Type	Token (valor absoluto)
Cair fora	230
Pular fora	212
Cascar fora	183
Sair fora	174
Ralar fora	141
Vazar fora	124
Saltar fora	76
Picar fora	69
Correr fora	53
Rasgar fora	35
Chispar fora	31
Raspar fora	26
Quicar fora	23
Espirrar fora	20
Riscar fora	6
Total	1.403

Fonte: Elaboração própria.

²⁷ Disponível em: <https://x.com/tadeupaulinov/status/1721262384151498820>.

²⁸ Disponível em: <https://x.com/MSantos73923/status/1808924449460400216>.

²⁹ Disponível em: <https://x.com/devssauro/status/1803109332390912223>.

³⁰ Disponível em: <https://x.com/seiyadeus/status/1480027300053889026>.

³¹ Disponível em: <https://x.com/madonnacefala/status/973642287287820288>.

³² Disponível em: <https://x.com/laixfk/status/1002378829824917505>.

³³ Disponível em: <https://x.com/AnthonyRinaaldi/status/425630175137517568>.

³⁴ Disponível em: https://x.com/ju_zak/status/1360240960328851456.

³⁵ Disponível em: <https://x.com/fernand38763039/status/1982588056709578959>.

³⁶ Disponível em: <https://x.com/OficialGouveia/status/1981511458266746971>.

³⁷ Disponível em: https://x.com/reis_zulene/status/1927523090214404345.

³⁸ Disponível em: https://x.com/Point_Pop/status/1939384557037576497.

³⁹ Disponível em: <https://x.com/MarianaBezerrri3/status/1875246412008714305>.

⁴⁰ Disponível em: <https://x.com/letibsilva/status/1928064243024187662>.

Tal resultado oferece evidências empíricas consistentes para a existência de um padrão construcional resultativo gramaticalizado e plenamente ativo no português brasileiro, composto por, pelo menos, 15 expressões sinônimas. Ao mesmo tempo, revela o grau de esquematicidade e de produtividade da construção, sugerindo que alguns *types* apresentam maior frequência de uso do que outros.

Nesse contexto, um ponto relevante diz respeito à diferença de esquematicidade entre os verbos instanciados para ocupar o *slot* aberto, a qual pode estar relacionada, nos termos de Talmy (2000), com os distintos traços de modo de movimento que eles incorporam à construção. Ao representar o movimento de forma neutra e, conseqüentemente, mais esquemática, apenas indicando o deslocamento de um ponto interno a outro externo, *sair* torna-se o ponto de partida para extensões semânticas que incorporam diferentes traços ao movimento de evasão/abandono.

Essa dinâmica pode ser compreendida por meio da concepção de campo/rede radial (Lakoff, 1987), em que o verbo *sair* ocupa a posição de membro central e, como tal, motiva e estrutura a própria categoria, permitindo o recrutamento, para a construção, de verbos que não denotam o deslocamento de dentro para fora, como *cair*, *ralar*, *vazar*, entre outros. Isso sugere que o significado dessas variantes de maior opacidade semântica/idiomaticidade seja acessado, conscientemente ou não, pela sua relação metonímica ou metafórica com o conceito nuclear de *sair*. Exemplificando, para entender a similaridade entre *cascar fora* e *sair fora*, o falante precisa reconhecer na primeira uma instância específica (rápida) do movimento genérico de *sair*. A relação de dependência é assimétrica, ou seja, todas as variantes remetem ao modelo central *sair*, mas o inverso não se verifica.

Tendo isso em vista, conforme ilustrado na Figura 1, as extensões semânticas que partem do verbo *sair* podem ser agrupadas em quatro dimensões principais: rapidez (*cascar*, *chispar*, *correr*, *espirrar*, *picar* e *ralar*); energia (*quicar*, *pular* e *saltar*); fluidez (*cair* e *vazar*); e ruptura (*rasgar*, *raspar* e *riscar*). No primeiro grupo, rapidez, o foco está na velocidade, dando a ideia de uma ação rápida ou repentina, como evidenciado em *Assim que a lista de embarque sair na página de escalados eu vou desligar tudo e chispar fora!* (Quadro 1), que salienta a urgência da evasão. No segundo, energia, a ênfase está na força e na imprevisibilidade da ação, marcada por impulso, como em *Parabéns! Agora é saltar fora do desgoverno e advertir o STF...* (Quadro 1). No terceiro, fluidez, prevalece o caráter de uma evasão não controlada, ilustrada por *Hoje eu acordei gostando mais de mim, vou cair fora numa boaaa* (Quadro 1). Por fim, no quarto grupo, ruptura, a saída é concebida como abertura violenta ou atrito, a exemplo de *DITO ISTO: deixo aqui a minha contribuição pra você que não gosta da Brasil Paralelo fazer um bem por você e rasgar fora desse banco que só prejudica o consumidor final* (Quadro 1), que destaca o caráter físico e incisivo do movimento de abandono.

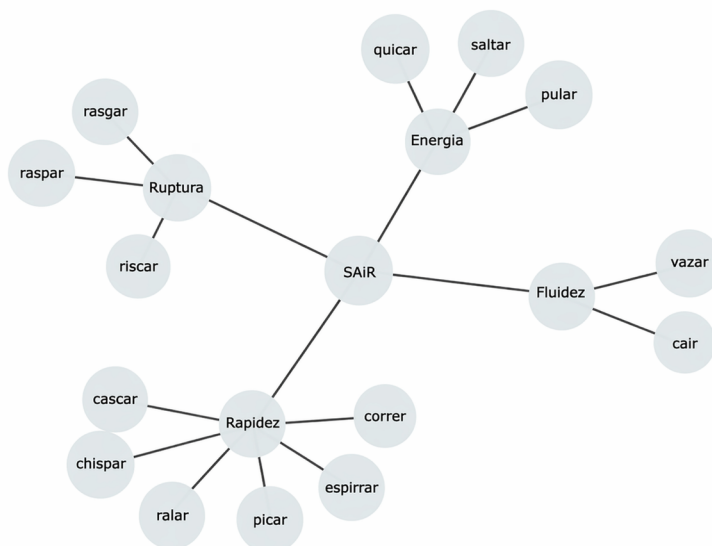


Figura 1. Campo semântico radial do verbo *sair*.

Fonte: elaboração própria

Portanto, a construção se configura como uma estrutura conceitual unificada, na qual a trajetória de retirada – concebida como movimento de dentro para fora – atua como eixo gerador das extensões. Essas extensões são licenciadas pela combinação entre (1) o significado convencionalizado de *fora* como marcador resultativo e (2) a contribuição semântica do verbo que ocupa o *slot* aberto, especificando algum traço de modo de movimento, o que é compatível com a ideia de que o funcionamento construcional é motivado por mecanismos cognitivos como categorização, analogia e perspectivação.

Essa análise fortalece a hipótese de que *sair fora* constitui o núcleo prototípico da construção estudada, que se cristaliza como unidade e, também, projeta, por analogia, variantes diversas. Logo, por manterem coerência motivacional com o núcleo esquemático que lhes dá origem, as formas análogas são percebidas pelos falantes como alternativas válidas e funcionalmente equivalentes dentro do domínio de evasão/abandono.

Cabe ressaltar que estamos assumindo que o verbo *sair* corresponde ao núcleo prototípico do esquema construcional analisado, ainda que a expressão por ele formada não seja a mais frequente no *corpus*. Tal posicionamento diverge, em princípio, da proposição de Bybee (2010), segundo a qual os membros mais centrais tendem a ser também os mais frequentes. A esse respeito, deve-se considerar que, embora *cair fora* tenha sido a variante mais frequente (e não *sair fora*), o banco de dados da plataforma X não permite uma análise estatística mais refinada, dado o seu viés algorítmico.

De todo modo, os resultados encontrados são relevantes para a compreensão do estatuto construcional de *sair fora* e de suas variantes, o que contribui indiretamente para o reconhecimento do padrão de lexicalização híbrido dos eventos de movimento no português brasileiro.

Se – como apontado por Snyder (2001) e Sugisaki e Snyder (2002) – a relação entre construções resultativas e verbo-partícula não é acidental, mas uma consequência do padrão de lexicalização que elas assumem, uma possível comprovação empírica da existência da construção resultativa *sair fora* vai ao encontro dos estudos que defendem que essa língua também possui *frame* no satélite (Moreira, 2023; Queriquelli; Moura, 2021; Santos Filho, 2017; Viaro, 2002), ainda que esse não seja o seu padrão mais produtivo.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo investigar o funcionamento, a produtividade e a organização semântica da construção resultativa *sair fora* e de suas variantes sinônimas no português brasileiro, a partir de dados autênticos extraídos da plataforma X. Os resultados revelam um padrão que pode ser interpretado como gramaticalizado e amplamente produtivo. A presença de 15 *types* efetivamente atestados por uma frequência *token* total de 1.403 ocorrências evidencia a vitalidade e sugere a convencionalização, nessa língua, do esquema [V + fora] com o significado de evasão/abandono.

A análise dos dados aponta a possibilidade de que *sair fora* seja o núcleo prototípico de uma rede radial, orientando, por analogia, a formação de variantes que especificam diferentes traços de modo de movimento. Essa organização é compatível com modelos de categorização não clássica, nos termos de Lakoff (1987), em que o membro central serve de ponto de ancoragem conceitual para extensões semânticas motivadas por mecanismos metonímicos e metafóricos. Assim, a construção não apenas exprime um resultado – o de estar/ficar fora –, como também estabelece um modelo conceitual capaz de licenciar novas ocorrências e de integrar formas menos transparentes, ampliando a rede semântica que se organiza em torno do verbo *sair*.

Quanto ao papel tipológico da construção investigada, a presença de um padrão resultativo análogo ao das línguas-S, aliado à produtividade das construções verbo-partícula, reforça o argumento de que o português brasileiro apresenta um sistema híbrido de lexicalização. Esse hibridismo sugere uma maior flexibilidade na codificação de eventos de movimento do que aquela tradicionalmente atribuída às línguas românicas pela classificação talmyana.

Em termos gerais, os achados deste estudo contribuem para o entendimento de como construções emergem, se consolidam e se organizam em redes de significados interrelacionados. Nessa perspectiva, a construção *sair fora* apresenta-se como um caso potencialmente paradigmático de gramaticalização de construção resultativa do português brasileiro, articulando, em um mesmo fenômeno, esquematicidade, produtividade, motivação cognitiva e variação lexical. Ao evidenciar a vitalidade desse padrão no uso real da língua, a presente pesquisa reafirma o papel central

da experiência na emergência da gramática, que só pode ser efetivamente compreendida em sua complexidade na prática cotidiana da comunicação.

É importante salientar, também, que, além da expressão de um campo semântico bastante rico, como é o de evasão/abandono, o esquema construcional estudado neste artigo possui características pragmáticas interessantes. De fato, essas características pragmáticas estão intrinsecamente ligadas aos ramos da rede radial da figura 1. Esses ramos (rapidez, energia, fluidez e ruptura) sugerem que tais verbos frasais servem para marcar, pragmaticamente, situações de evasão/abandono que são percebidas como bruscas e/ou ríspidas e não normais e previsíveis, como se pode ver neste exemplo: “*deixo aqui a minha contribuição pra você que não gosta da Brasil Paralelo fazer um bem por você e rasgar fora desse banco que só prejudica o consumidor final*” (Quadro 1).

Por fim, reconhecendo que este trabalho se limitou a uma investigação inicial acerca do objeto de estudo, entendemos ser necessário o desenvolvimento de pesquisas futuras para o seu devido aprofundamento. Para tal, sugerimos que sejam investigados outros significados vinculados ao esquema resultativo [V + fora] no português brasileiro, que não o de evasão/abandono, como parece ser o caso de *cortar fora* e das formas polissêmicas *picar fora*, *rasgar fora* e *raspar fora*. Outro ângulo que merece ser considerado refere-se às relações entre o uso desse esquema e a variação sociolinguística, haja vista os esforços da Linguística Cognitiva contemporânea em se aproximar da Sociolinguística (Croft, 2009).

Referências

BOAS, Hans C. *A constructional approach to resultatives*. Stanford: CSLI Publications, 2003.

BOAS, Hans C. Cognitive construction grammar. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (ed.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 233-254.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan L.; BECKNER, Clay. Usage-based theory. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (ed.). *The Oxford handbook of linguistic analysis*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 953-979.

BYBEE, Joan; EDDINGTON, David. A usage-based approach to Spanish verbs of “becoming”. *Language*, Baltimore, v. 82, n. 2, p. 323-355, jun. 2006.

BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

CELCE-MURCIA, Marianne; LARSEN-FREEMAN, Diane. *The grammar book: an ESL/EFL teacher's course*. 2. ed. Boston: Heinle & Heinle, 1999.

CROFT, William. Toward a social cognitive linguistics. In: EVANS, Vyvyan; POURCEL, Stéphanie (ed.). *New directions in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009. p. 395-420.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, Baltimore, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.

FORD, Cecilia E.; FOX, Barbara A.; THOMPSON, Sandra A. Social interaction and grammar. In: TOMASELLO, Michael (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 119-143.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HART, Carl W. *The ultimate phrasal verb book*. Hauppauge: Barron's Educational Series, 2017.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MARCELINO, Marcello. Resultativas em português brasileiro. *Veredas On-line – Sintaxe das Línguas Brasileiras*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 121-137, 2014.

MEILLET, Antoine. A evolução das formas gramaticais. In: MEILLET, A. *A evolução das formas gramaticais: seleção, tradução e notas de Marcos Bagno*. São Paulo: Parábola Editorial, 2020 [1912]. p. 83-100.

MOREIRA, Bruna Elisa da Costa. A new look at the unproductivity of resultative constructions in Brazilian Portuguese. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 1-27, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202339457357>.

MOURA, Heronides. Telicity, trajectory, and phrasal verbs in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 67, e025029, 2025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8679884>. Acesso em: 6 fev. 2026.

QUERIQUELLI, Luiz Henrique Milani; MOURA, Heronides. Path marking on the satellite in Latin, old Portuguese, and vernacular Brazilian Portuguese. *Fórum Linguístico*, v. 18, n. 2, p. 6124-6136, 2021.

ROCHA LIMA, Carlos. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1984.

SANTOS FILHO, Dorival Gonçalves. O padrão de lexicalização do português brasileiro: evento de movimento. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, v. 5, n. 2, p. 103-123, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SNYDER, William. On the nature of syntactic variation: evidence from complex predicates and complex word-formation. *Language*, Baltimore, v. 77, n. 2, p. 324-342, 2001.

SUGISAKI, Koji; SNYDER, William. Preposition stranding and the compounding parameter: a developmental perspective. In: SUGISAKI, Koji; SNYDER, William. *Proceedings of the 26th Annual Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2002. p. 677-688.

TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

TALMY, Leonard. Properties of main verbs. *Cognitive Semantics*, v. 2, n. 2, p. 133-163, 2016.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIARO, Mário Eduardo. Para uma abordagem sintático-semântica da projeção adverbial nos verbos portugueses do tipo jogar fora. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 5, p. 143-176, 2002.

WORKMAN, Graham. *Phrasal verbs and idioms*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

"Sair fora" as a Grammaticalized Resultative Construction in Brazilian Portuguese: An Empirical Study Grounded in Cognitive Linguistics

Abstract

this article investigates the functioning, productivity, and semantic organization of the construction sair fora and its synonymous variants in Brazilian Portuguese, based on authentic data extracted from the X platform (formerly Twitter). Grounded in Cognitive Linguistics, particularly in constructionist approaches, the study provides evidence that the schematic pattern [V + fora] constitutes a resultative construction already grammaticalized in the language, whose productivity appears to stem from motivated analogy. The analysis of 1.403 occurrences distributed across 15 types suggests that the variant forms instantiate the same constructional schema with the meaning of evasion/abandonment, and that they differ in terms of the manner-of-motion features that their respective verbs incorporate into the action. The results point to the existence of a prototypical nucleus – sair fora – from which radially organized semantic extensions develop. The study further supports the hypothesis that Brazilian Portuguese exhibits a hybrid pattern of motion-event lexicalization, revealing the presence of resultative patterns analogous to those found in satellite-framed languages.

Keywords: Cognitive Linguistics. Grammaticalization. Resultative Constructions. Verb-Particle Constructions. Brazilian Portuguese.